

VOCÊ (NÃO) ESTÁ AQUI: CONVERGÊNCIAS NO CAMPO AMPLIADO DAS PRÁTICAS CARTOGRÁFICAS

YOU ARE (NOT) HERE: CONVERGENCES IN THE EXPANDED FIELD OF CARTOGRAPHIC PRACTICES

David M. Sperling *

Resumo

Este artigo apresenta parte de pesquisa em andamento que tem o objetivo de ampliar e problematizar noções sobre representações do espaço em arquitetura e urbanismo, tendo em vista o interesse crescente por cartografias e formas de mapeamento em distintas áreas do conhecimento e suas implicações para o campo da crítica às representações. Após apresentar uma caracterização das espacialidades contemporâneas por meio de coexistências e conexões espaciais, as quais solicitam novos modos de apreensão, este artigo sistematiza algumas reflexões que partem da geografia, filosofia, ciência da informação, estudos culturais e literários, arquitetura e artes, perfazendo um campo ampliado das cartografias. Neste contexto, assinala a relevância que vêm tomando as práticas cartográficas na arte, delineando algumas convergências que, em meio à diversidade de produções, essas práticas vêm adquirindo.

Palavras-chave: cartografia; espaço; dissenso; trajetória-narrativa; arquivo visual, gráfico-diagrama.

Abstract

This article presents part of an ongoing research that aims to expand and question notions of representations of space in architecture and urbanism, in the perspective of the growing interest in cartography and ways of mapping in different areas of knowledge and its implications for the field of representation criticism. After presenting a characterization of contemporary spatialities through spatial connections and coexistences, which request new ways of seizure, this article explores some thoughts departing from geography, philosophy, information science, cultural and literary studies, architecture, and the arts, drawing a cartography expanded field. In this context, it points out the relevance cartographic practices in the arts are taking, and outlines some convergences these practices are acquiring through the diversity of productions.

Keywords: cartography; space; dissensus; trajectory-narrative; visual archive, graph-diagram.

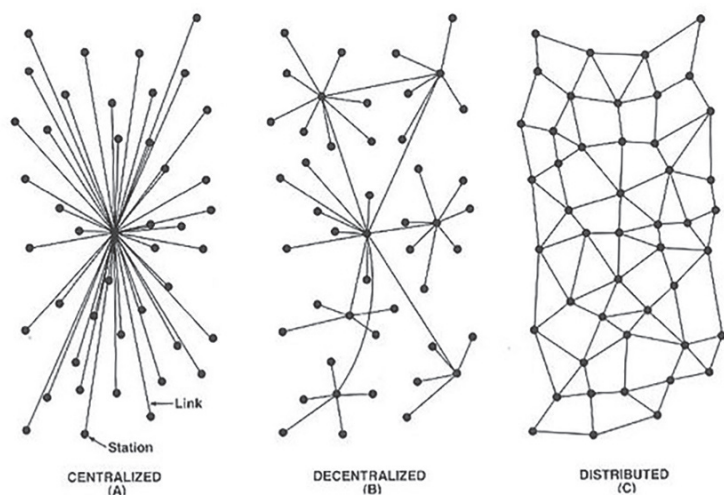
Coexistências

Conforme Milton Santos (1996), pouco pode ser dito de um território somente a partir de aspectos físicos, coordenadas geográficas, fronteiras políticas, frente às dinâmicas e entrecruzamentos culturais, econômicos, tecnológicos e culturais cada vez mais complexos que vêm alterando as formas de compreensão e percepção das espacialidades na contemporaneidade, as quais operam menos por limites geométricos e mais por conexões de pontos no espaço. Michel Foucault em conferência proferida em 1967 já argumentava, diante de um contexto de crise profunda das narrativas e das teleologias que organizavam o imaginário segundo os aprimoramentos e desenvolvimentos que se sucedem no tempo, pela primazia da coexistência de diferenças no espaço:

a presente época será talvez acima de tudo uma época do espaço. Estamos na época da simultaneidade, estamos na época da justaposição, a época do perto e do longe, do lado-a-lado, do dispersivo. Estamos no momento, eu creio, no qual nossa experiência do mundo é menos a longa vida se desenvolvendo através do tempo do que aquela da rede que conecta pontos e que entrecruza seu novelo. (...) Nossa época é aquela na qual o espaço toma para nós a forma de relações de localizações.

(FOUCAULT, 1984, p. 46)

Este texto de Foucault não só antevê outra ontologia do espaço, não mais entendida segundo a lógica das distâncias, mas das relações, como aponta igualmente as coexistências e simultaneidades como novos modos do espaço se deixar apreender. Por um lado, em escala macro, há redes que operam por conexões entre pontos; e, por outro, em escala micro, há pontos que operam por localização no espaço; ambos perfazendo uma geometria de relações e posições (imagem 1).



Img. 1 On Distributed Communications, Diagramas de Paul Baran, 1964. Fonte: <http://flutuante.com.br/tag/paul-baran/>

Coexistências e simultaneidades de espaços ou de eventos nos espaços adquirem um novo estatuto, na forma do excesso que domina a realidade contemporânea. Essa condição recobra a validade do que afirmou Walter Benjamin (1985) para o contexto da produção e da recepção da obra de arte na era da reprodutibilidade técnica, ou seja, “a quantidade converteu-se [novamente] em qualidade”. [1] A condição da quantidade que se converteu em qualidade espacial no mundo contemporâneo já apareceu em nomeações variadas conferidas por distintos autores: “compressão” (HARVEY, 1992); “excesso” (AUGÉ, 1994), “aceleração” (VIRILIO, 1993), “sistema global” (JAMESON, 1995), dentre outros. Diante desta “virada espacial” – outro termo presente em reflexões de Denis Cosgrove (1999), Fredric Jameson (1995), David Harvey (1992), Edward Soja (1989) e Robert Tally Jr. (2013) – novos dispositivos para apreensão dos espaços e dos eventos que neles tomam lugar se fazem necessários, como os mapeamentos e cartografias.

[1] Acerca de aspectos dos excessos e das inter-relações entre espaços e eventos tratamos na tese de doutorado (SPERLING, 2008).

[2] O termo “campo ampliado” referencia-se em expressão conhecida de Rosalind Krauss para o campo da escultura contemporânea (1979), recuperada por Antony Vidler (2004) para compreender algumas expansões da arquitetura na atualidade.

Cartografias em campo ampliado e narrativas em disputa

Tomaremos alguns autores que vêm se dedicando ao tema das cartografias e dos mapeamentos como forma de apreensão das espacialidades contemporâneas, em campos como a geografia, a filosofia, estudos culturais, literatura, arquitetura e artes, no sentido de apresentar parte de um “campo ampliado” [2] das cartografias, um renovado interesse que este campo de estudo vem adquirindo.

O crítico literário Robert Tally Jr., em seu livro *Spatiality - The new Critical Idiom* (2013), aponta, ao mesmo tempo, a relevância das cartografias para o estudo sobre as espacialidades em um contexto de crise das representações e – o que podemos assumir de forma articulada – para as correlações históricas entre elas e a construção de narrativas:

eu tomo mapeamento com sendo a imagem mais significativa em estudos sobre espacialidades hoje, em parte devido à sua direta aplicabilidade aos estudos correntes sobre a crise de representação frequentemente citada por teóricos da globalização ou da pós-modernidade, mas também por suas conexões antigas e bem reconhecidas entre cartografia e discurso narrativo. Desenhar um mapa é como contar uma história, de várias maneiras, e vice-versa.

(TALLY Jr., 2013, p. 4)

Frente à crise das representações e à lógica cultural – e espacial – do capitalismo tardio, Fredric Jameson (1991) já havia defendido a premência do papel cognitivo e pedagógico da arte política e da cultura, por meio do que definiu como “uma estética do mapeamento

cognitivo”. Recuperando, expandindo e associando a noção de ideologia de Althusser – “a representação do Imaginário do sujeito em relação à sua condição Real de existência”, (JAMESON, 1991, p. 51) – e os problemas empíricos de localização do sujeito na cidade estudados por Kevin Lynch – “que envolvem a reconquista prática do senso de lugar e a construção ou reconstrução de um conjunto articulado que pode ser retido na memória e que o indivíduo pode mapear e remapear ao longo de trajetórias móveis e alternativas”, (JAMESON, 1991, p. 51) –, o autor propõe o mapeamento cognitivo como “uma cultura política pedagógica que procura dotar o indivíduo com algum novo senso ampliado de seu lugar no sistema global” (JAMESON, 1991, p. 53).

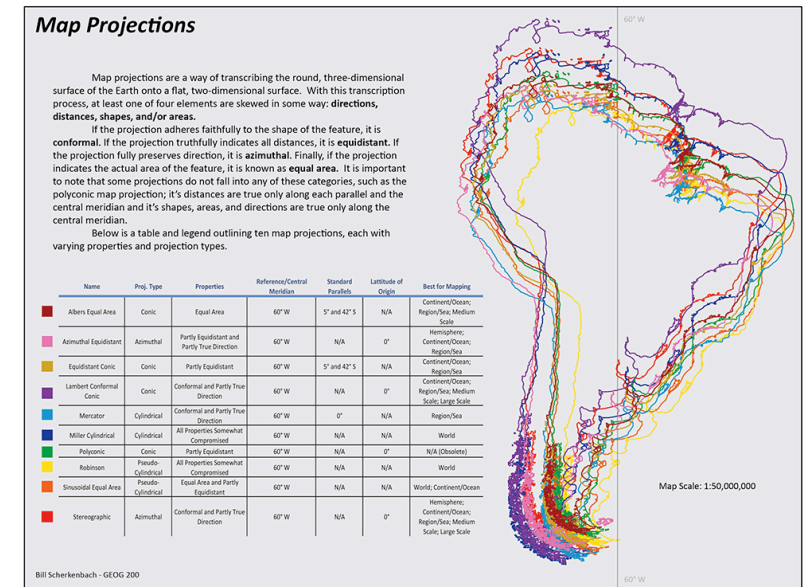
Jameson equipara a premência do mapeamento social para a experiência política com a do mapeamento espacial para a experiência urbana, apontando para ambas a necessidade da coexistência dialética entre “as coordenadas de dados existenciais (a posição empírica do sujeito) com concepções abstratas, não vividas de uma totalidade geográfica” (JAMESON, 1991, p. 52). Ao articular a necessidade individual e coletiva da produção de mapeamentos espaciais e sociais, como forma de compreensão de se estar no (e de ver) o mundo, Jameson claramente imputa uma dimensão política ao ato de cartografar. Em contraste com a objetividade que rege o universo infográfico midiático, as práticas cartográficas assumem um papel de práticas discursivas e de ações dissensuais no debate público. A produção de dissensos, os quais dão visibilidade para aquilo que estava sendo desconsiderado, é a única possibilidade, segundo Jacques Rancière (1996), de ocorrência da política e da constituição da esfera pública, frente ao contexto dos consensos que denomina de política.

Por muito tempo, a cartografia como produção de mapas foi considerada um método objetivo de representação da realidade, como tradução de conformações espaciais, geográficas e naturais em uma imagem gráfica, visual ou textual. Havia como premissa a construção de uma descrição “elucidativa” sobre o território, organizando-o em um espaço lógico, no sentido de dominação do homem sobre o meio. No entanto, em contraponto a uma visão cientificista sobre a noção de cartografia, nas quais os mapas eram considerados como um dispositivo objetivo, espelho do real, são abertas outras leituras. Passa-se a entender que os mapas não são neutros, implicam relações de poder e ideologias, e determinações históricas (imagem 2).

Neste sentido, as práticas cartográficas podem captar processos emergentes e conformações de espacialidades (intersubjetivas, urbanas, econômicas e culturais) não consideradas ou tornadas invisíveis pelas lógicas consensuais. Como salienta Stephen B. Davis,

com frequência, grupos dominantes assumem que a forma de seu mundo é a forma do mundo. Mas é crescente o reconhecimento que outros

Img. 2 Projeções de Mapas e (in)variâncias: direções, distâncias, formas e/ou áreas. Fonte: <https://scherkwa.wordpress.com/>



grupos vivem em mundos moldados de outra forma que podem ser mapeados de modos diferentes. (...) A forma do mundo muda dependendo de quem você é e o que você faz. (DAVIS, 2009, p. 41)

Em última instância, as práticas cartográficas vêm deslocando os mapas das produções naturais de certezas sobre o mundo para a problematização de seus próprios códigos e de seus referentes (MONMONIER, 1991; SPERLING; SANTOS; MARCOS, 2013): quem, como, o que, para quê, para quem, por que se cartografa? Esta ação política de “fazer ver” das cartografias se realiza, para o geógrafo Jeremy Crampton, por meio do deslocamento de poderes:

mapeamentos estão imersos em relações de poder específicas. Ou seja, um mapeamento tem implicação com o que escolhemos para representar, como escolhemos representar os objetos como pessoas ou coisas, e que decisões são tomadas com estas representações. Em outras palavras, mapear é em si mesmo um processo político. E é um processo político no qual um número crescente de pessoas está participando. Se o mapa é um conjunto específico de reivindicações de poder/conhecimento, então não somente o Estado e as elites, mas o resto de nós pode igualmente fazer reivindicações igualmente poderosas e em disputa. (CRAMPTON, 2010, p. 41)

O deslocamento de posições em relação ao par poder/conhecimento já estava presente no conceito de cartografia ou de mapa proposto

pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, em sua obra *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995). Enquanto vinculam o decalque à representação de algo pré-existente, à delimitação de um todo fechado, própria de quem constrói uma genealogia e define uma estrutura passível de ser reproduzida ao infinito, propõem ser o mapa da ordem da criação de devires, do agenciamento de relações, da proposição de experimentações sobre o real. O mapa é um agenciamento em processo, que não é visto como uma representação do real, próxima do mito cientificista, mas uma cartografia embasada na experiência e com múltiplas entradas:

se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não produz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. (...) O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (...) Um mapa é uma questão de performance, enquanto o decalque remete sempre a uma presumida “competência”.

(DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.14-25)

Os aspectos delineados aqui acerca das práticas cartográficas ganham maior relevância quando se considera o contexto econômico-tecnológico atual em que as experiências espaciais e as espacialidades vêm sendo ampliadas, monitoradas, localizadas e compartilhadas por meio de sistemas digitais de georreferenciamento, da economia colaborativa, das políticas de vigilância e redes sociais (RHEINGOLD, 2003; FARMAN, 2010; BOTSMAN e ROGERS, 2010).

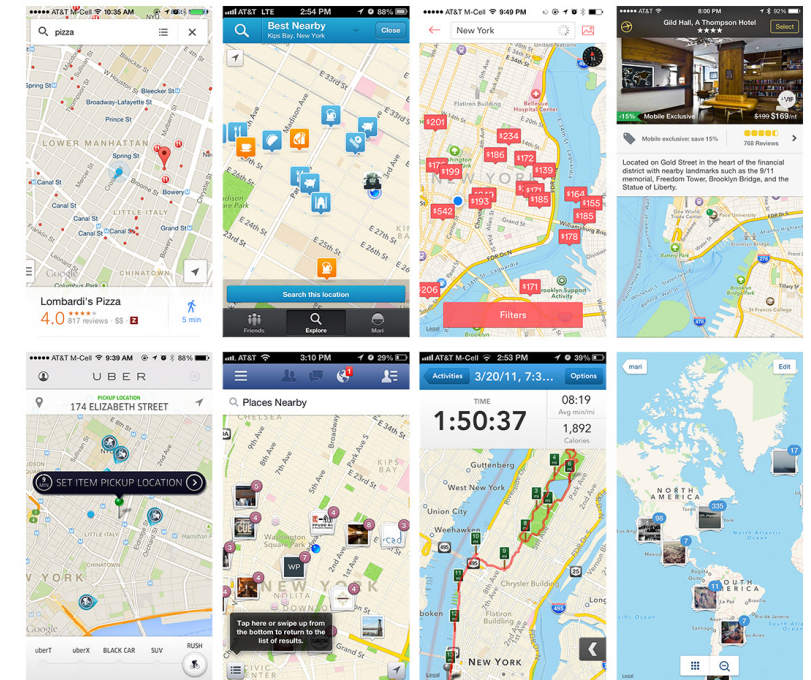
E, em relação à postura do cartógrafo diante do mundo, a qual é formada por uma ambivalência entre a experiência concreta e a capacidade de vê-lo a certa distância, há similaridades que podemos extrair de alguns autores referenciais. É esse sentido que se encontra entre a experiência da rua e a visada desde o arranha-céu em Michel de Certeau (1984), entre a articulação da percepção imediata com a capacidade imaginativa de uma totalidade ausente, que compõe a noção de mapeamento cognitivo de Fredric Jameson (1991), entre as noções de narrativa e gráfico, que pontua Robert Tally Jr. (2013), ou a tensão fecunda entre fluxo e representação que constitui a sensibilidade do cartógrafo segundo Suely Rolnik (s/d), assim como, para Jason Farman (2011), entre movimento e propósito – físico e ideológico – presentes no conceito de corporificação de uma posição no espaço (*embodied implacement*), diante das mídias móveis que permitiriam uma experiência situada sempre informada contextualmente.

O contexto atual está se convertendo naquele em que a realidade mais se constitui mediada e processada cotidianamente por mapas, apresentando-nos uma profusão de dados espaciais tornados objetivos e que precisam ser questionados, ou ainda, colocados em disputa. (imagem 3) Jean Baudrillard (1991) já havia afirmado categoricamente, em *Simulacros e Simulações*, que, a partir de certas condições postas pela pós-modernidade, os significantes passaram a preceder os significados e deles se autonomizaram, tornaram-se simulacros que não mais representam o real. Uma crise da representação que se faz sentir também nos mapas:

hoje a abstração já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real. O território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. É agora o mapa que precede o território – precessão dos simulacros – é ele que engendra o território cujos fragmentos apodrecem lentamente sobre a extensão do mapa.

(BAUDRILLARD, 1991, p. 8)

Img. 3 Mapas como interfaces de aplicativos: Google Maps; Foursquare; Airbnb; Expedia; Uber; Facebook; Runkeeper; Instagram. Fonte: montagem a partir de <http://www.mobile-patterns.com/>



Para demarcar a necessidade da disputa pelas representações do mundo por meio de mapas dissidentes, os críticos literários Dee Morris e Stephen Voyce, em seu projeto *Counter-map collection* (2016), utilizam o termo “contra-mapa” segundo três aspectos: sua concepção

como poéticas inovativas, que proponham formas alternativas de se pensar, sentir e viver nos mundos em que vivemos; sua produção como sistemas semiológicos com lógicas verbais e visuais legíveis, flexíveis e generativas; e o aprendizado de sua leitura tida como crucial em um mundo completamente mapeado por satélites de sensoriamento remoto, Sistemas de Posicionamento Global (GPS) e Sistemas de Informação Geográfica (GIS).

Na mesma direção da defesa da produção de mapas dissidentes, que apresentam modos plurais de representação das realidades, os geógrafos Jeremy Crampton e John Krygier (2006) utilizam o termo “mapeamento crítico”, para o qual sinalizam cinco direções que consideram potentes a serem investigadas: as apropriações e ampliações de linguagens realizadas pelos artistas; os mapeamentos cotidianos, vernaculares, afetivos, experienciais e narrativos; os mapas alternativos aos oficiais utilizando GIS; hackeamento de mapas; e a teoria crítica.

Analisando o campo das tecno-ciências, mas com o mesmo sentido da necessidade de abarcar as distintas posições dos vários atores em uma rede, Bruno Latour (2012) com a utilização do termo “cartografia de controvérsias” propõe um conjunto de técnicas para sistematização daquilo que não se mostra consensual, de forma que a complexidade de debates sociais possa ser explorada e representada em uma forma legível (VENTURINI, 2010; 2012). A partir de contato direto com Latour, a arquiteta Albena Yaneva vem utilizando a metodologia de “cartografia de controvérsias arquitetônicas” apoiando-se “na idéia de que ‘coisas’ geram espaços contestados, nos quais um artefato é produzido seguindo uma pletera de considerações materiais e subjetivas” (YANEVA, 2009) [3].

Diante do contexto delineado aqui pela “virada espacial” e pela “disputa das narrativas”, ressaltamos a relevância de se considerar a própria revisão que os geógrafos vêm realizando sobre as cartografias na direção dos mapeamentos críticos ou contra-mapas e a valorização que as práticas cartográficas na arte vem adquirindo (ABRAHAMS e HALL, 2006; COSGROVE, 2005; CAQUARD, PIATTI e CARTWRIGHT, 2009; HARMON, 2009; WATSON, 2009).

A partir da arte

Uma abordagem possível para se compreender a aproximação das práticas artísticas em relação às cartografias é o foco na ação de apropriação que, por si só, abre novos territórios em relação aos códigos, como aponta a curadora Katherine Harmon:

[3] Há, no campo da arquitetura e do urbanismo, um uso majoritário de cartografias com um lastro tributário da geografia física e humana e que vem sendo aprimorado pelo uso de sistemas GIS. Em paralelo, vale ressaltar que, enquanto o conceito de “cartografia” presente na filosofia de Deleuze e Guattari (1995) encontrou ressonâncias significativas na geografia, nas artes e nas ciências sociais, na arquitetura foi o conceito de “diagrama” – correlato ao de cartografia e também vinculado ao pensamento dos mesmos autores – que foi significativamente explorado na teoria arquitetônica e em processos de projeto a partir da década de 1990. É certo que o conceito de diagrama foi em grande medida incorporado para dar relevo aos processos de geração formal e espacial em arquitetura, diferindo dos acentos críticos e problematizadores que assumem as práticas cartográficas na arte.

refletindo a diversidade das práticas artísticas contemporâneas, é muito pouco o que os artistas contemporâneos ainda não fizeram com mapas. Artistas rasgam, picotam, fatiam, cavam, dissecam mapas, eles dobram, plissam, traçam, encaixotam, ondulam e despedaçam, eles queimam, afogam, torcem, cortam ao meio e costuram novamente qualquer tipo de documento cartográfico imaginável.
(HARMON, 2009, p. 10)

Tal abordagem é, de certa forma, similar ao olhar para os mapas produzidos na arte que teve a exposição *Cartografias Contemporâneas, dibujando el pensamiento*, com curadoria de Helena Tatay, ocorrida em Barcelona em 2012. Dividida em sete eixos – A linguagem cartográfica, Tipos de espaço, Cartografias sociais e políticas, Cartografias do corpo; Cartografias da experiência e da vida; Cartografias do intangível; Cartografias conceituais –, a exposição foi organizada com o objetivo de

observar como os artistas contemporâneos têm usado a linguagem cartográfica para subverter os sistemas de representação tradicionais, oferecer novas fórmulas ou questionar a própria impossibilidade de representação de um mundo globalizado e cada vez mais caótico.
(TATAY, 2012, p. 4)

Para que se possa avançar para além de aspectos vinculados às práticas de apropriação ou de ampliação dos códigos, consideramos que a abordagem cartográfica pelas práticas artísticas contemporâneas deve, de início, ser articulada com as noções de “dissenso” e de “partilha do sensível”, propostas por Jacques Rancière (1996). Para o autor, o dissenso se inscreve no desentendimento entre mesmas falas com sentidos parcial ou completamente distintos, ou seja, entende o que o outro diz, mas não vê o mesmo objeto a que ele se referencia, quer fazer ver outro objeto, outra razão no mesmo argumento. O autor afirma ainda que o dissenso se manifesta nos atos de reconfiguração do espaço onde as partes e os sem-parte se definiam; ele desloca os corpos dos locais designados, altera a destinação de lugares e faz ver o que não era e não cabia ser visto. Para o filósofo caberia à arte esta “partilha do sensível” – do que se vê, ouve e entende – que revela ao mesmo tempo a existência de um comum e de ordens que nele prescrevem lugares.

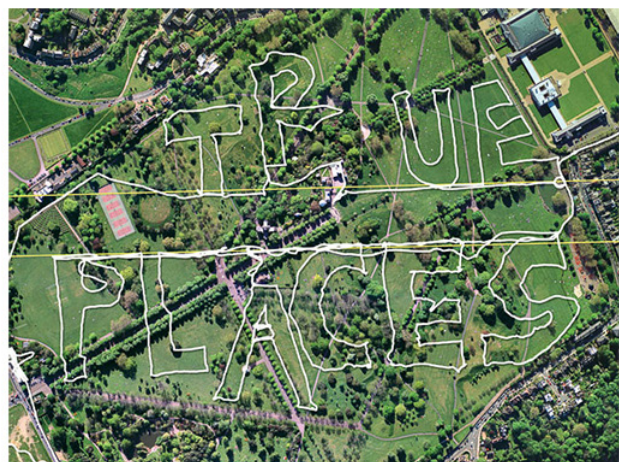
À luz destas ponderações, o que as práticas cartográficas na arte vêm trazendo ao campo das chamadas contracartografias ou cartografias críticas é, antes de tudo, o questionamento do que sejam cartografias e mapeamentos, para logo em seguida e ao mesmo tempo atuar por meio da visibilização de aspectos não considerados na lógica comum e da experimentação de linguagens, em articulações não usuais entre forma e conteúdo, produzindo “outras” espacializações de também “outras” informações.

Em pesquisa em andamento, temos cartografado práticas cartográficas na arte, segundo uma chave que associa visibilização e experimentação, aproximando-as segundo táticas comuns e que permitem, a partir deste comum, diferenciações segundo suas especificidades. Estas táticas que percebemos como recorrentes, as quais denominamos linhas cartográficas, são: trajetórias-narrativas, arquivos visuais e gráficos-diagramas.

Como é de se imaginar, não é objetivo reduzir as práticas artísticas a estas linhas – já que muitas delas operam em mais de uma delas –, mas de contribuir para a visualização de campos comuns de experimentação. Chegamos a estas linhas cartográficas por meio da articulação entre mapeamento espacial e mapeamento social (segundo o conceito de mapeamento cognitivo de Jameson, 1991), a partir de um diálogo crítico entre a sistematização de apontamentos apresentados por Robert Tally Jr. ao longo de seu livro *Spatiality: the new critical idiom* e a análise de um número considerável de práticas cartográficas na arte. [4]

Trajetoórias-narrativas pressupõem o corpo do cartógrafo implicado e em deslocamento pelo espaço. Experiência cotidiana e eventos imprevistos, decisões e contingências, regras e desvios são traçados pelo próprio corpo no espaço em ato. As trajetórias-narrativas são da ordem dos micro-espacos, das fricções entre corpos, das descobertas. Como postura, o cartógrafo-viajante assume o mundo como um espaço a ser habitado em seu estofo, um espaço-entre.

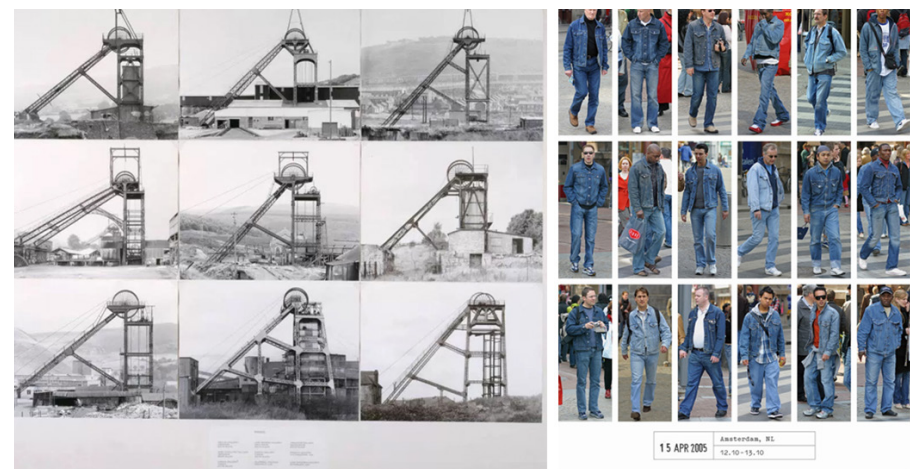
Pode ser incluída aqui toda uma linhagem de artistas caminhantes urbanos ou dos lugares ermos, as narrativas que remontam ao flâneur, às visitas dadaístas e deambulações surrealistas, e psicogeografias situacionistas. Como também práticas e obras de Richard Long, Stalker, Cildo Meireles (*Cordões/30 Km de linhas estendidas*, 1965), Francis Alÿs (*The Green Line*, 2004), Christian Nold (*Biomapping*, 2004) e Jeremy Wood (*Meridians GPS Drawing*, 2006), dentre outros (imagem 4).



[4] No banco de dados da pesquisa (“Cartografias e o campo ampliado dos mapas: articulações entre técnica, estética e política na espacialização da informação”) que originou o artigo, consta uma centena de artistas e coletivos de arte, pretendendo-se a criação de um repositório on-line de práticas cartográficas.

Img. 4 The Green Line, 2004 – Francis Alÿs; Meridians GPS Drawing, 2006 (fragmento), Jeremy Wood. Fontes: <http://www.antiatlas.net/> e <http://locative.articule.net/jeremy-wood/>

Img. 5 Pitheads, 1974 – Bernd e Hilla Becher; People of the Twenty-First Century, 1995 – Hans Eijkelboom. Fontes: <https://bethanycrispphotography.wordpress.com> e <http://www.chambre237.com/>

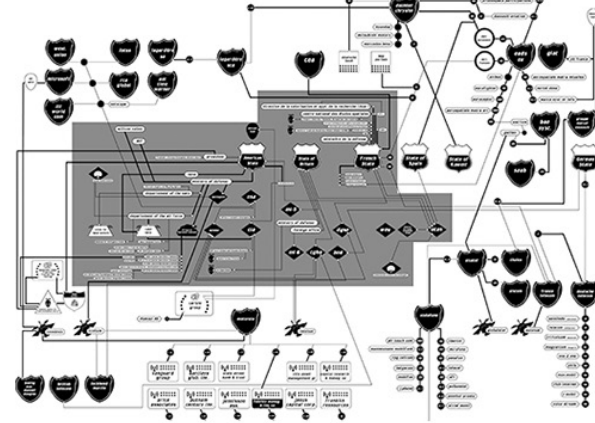


Arquivos visuais são cartografias que, a partir de experiências imediatas ou mediadas por representações, documentam, coletam informações e as analisam, discriminam e organizam, utilizando procedimentos de aproximação, associação e montagem, e operando pela extração de qualidades em quantidades. Como postura, o cartógrafo-entomólogo assume o mundo composto por informações em excesso e em dispersão, as quais devem ser selecionadas e recombinadas.

Esta linha remonta a Georges Perec e a “Tentativa de esgotamento de um lugar parisiense” como também aos trabalhos fotográficos de Bernd e Hilla Becher (*Pitheads*, 1974, dentre outros), de Edward Ruscha (*Every Building on the Sunset Strip*, 1966) e da família Boyle (*Journey to the Surface of the Earth*, 1970). Cartografias-arquivos visuais são

também trabalhos, de Hans Hacke (*Shapolsky et al. Manhattan Real Estate Holdings, a Real-Time System, as of May 1, 1971*), como mais recentemente de Hans Eijkelboom (*People of the Twenty-First Century*, 1995), Antoni Muntadas (*On translation: The Bookstore*, 2001) e Antoni Abad (*megafone.net*, 2004) (imagem 5).dsd

Por sua vez, gráficos-diagramas são cartografias que desenham similitudes com o visível por meio de linhas abstratas ou contornos semelhantes; selecionam campos de atuação e desenham projeções de configurações de totalidades (sempre) parciais, em movimento, em processo de (des)articulação. Como postura, o cartógrafo-agenciador assume o mundo composto por conexões no espaço e no tempo entre agentes e poderes, estados e potências, presentes e devires.



Img. 6 World Map, 1972 (fragmento) – Öyvind Fahlström; Wartime Chronicles, 2001 – Bureau d'Études. Fontes: www.spaceandculture.org e <http://utangente.free.fr/>

Aqui podem ser identificados trabalhos de Öyvind Fahlström (*World Map*, 1972) e Alighiero Boetti (*Mappa*, 1979-85), como de Mark Lombardi (dentre outros, George W. Bush, Harken Energy and Jackson Stephens 1979-90, 1999), e Bureau d'Études (*Wartime Chronicles*, 2001), como as práticas de Iconoclastas (*Talleres de Mapeo Colectivo*, 2006) e Counter-Cartographie Collective (*Disorientation Guide*, 2006) (imagem 6).

Na forma de trajetórias-narrativas, arquivos visuais e gráficos-diagramas, as práticas cartográficas na arte vêm assumindo um papel de extrema relevância em um mundo em crescente complexidade e que opera significativamente pela formulação de consensos de ordem política. Elas trazem à visibilidade modos de (re)produção sociais, econômicos e políticos contemporâneos e abrem espaço para mundos possíveis. Elas apontam existências e potências. Fazem ver que, em qualquer mapa, em termos espaciais e sociais, “você (não) está aqui”.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAMS, Janet; HALL, Peter. *Else/Where: mapping new cartographies of networks territories*. Minnesota: University of Minnesota Design Institute, 2006.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares*. Introdução a uma antropologia da super-modernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras Escolhidas*, vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1985. P. 165-196.
- BOTSMAN, Rachel; ROGERS, Roo. *What's mine is yours*. The rise of collaborative consumption. London: HarperBusiness, 2010.
- CACQUARD, Sébastien; PIATTI, Barbara; CARTWRIGHT, William. *Editorial Art & Cartography*, Special Issue. *The Cartographic Journal*, vol. 46, n. 4, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *The practice of everyday life*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- COSGROVE, Denis. *Maps, mapping, modernity: art and cartography in the twentieth century*. *Imago Mundi*, vol. 57, p. 35-54, 2005.
- COSGROVE, Denis. (ed.). *Mappings*. London: Reaktion Books, 1999.
- CRAMPTON, Jeremy W. *Mapping: a critical introduction to cartography and GIS*. West Sussex: Wiley-Blackwell Publication, 2010.
- CRAMPTON, Jeremy W.; KRYGIER, John. An introduction to critical cartography. *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, vol. 4, n. 1, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/7732250/An_Introduction_to_Critical_Cartography. Acesso em 15/04/2016.
- DAVIS, Stephen Boyd. *Mapping the unseen: making sense of the subjective image*. In: NOLD, Christian (ed.). *Emotional cartography – technologies of the self*. Soft Hook, p.38-49, 2009. URL: www.emotionalcartography.net. Acesso em 10/06/2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34, 1995.
- FARMAN, Jason. Mapping the digital empire: Google Earth and the process of postmodern cartography. *Sage Journals – New Media & Society*, vol. 12, 2010.
- FARMAN, Jason. *Mobile interface theory: embodied space and locative media*. London: Routledge, 2011.
- FOUCAULT, Michel. Des espaces autres (1967), *Hétérotopias*. [Dits et écrits 1984, Des espaces autres, conference au Cercle d'études architecturales, 14 mars 1967]. *Architecture, Mouvement, Continuité*, n. 5, outubro 1984, p. 46-49.
- HARMON, Katharine. *The map as art: contemporary artists explore cartography*. Nova York: Princeton Architectural Press, 2009.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- JAMESON, Fredric. *Postmodernism, or, the cultural logic of late capitalism*. Durham: Duke University Press, 1991.
- JAMESON, Fredric. *The geopolitical aesthetic: cinema and space in the world*

- system. Bloomington: Indiana University Press, 1995.
- KRAUSS, Rosalind. Sculpture in the expanded field. **October**, vol. 8, p. 30-44, spring 1979.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**. Uma introdução à teoria do Ator-Rede. São Paulo: EDUFBA e EDUSC, 2012.
- MONMONIER, Mark. **How to lie with maps**. Chicago: Chicago Press, 1991.
- MORRIS, Dee; VOYCE, Stephen. **Counter Map Collection**. Disponível em: <http://jacket2.org/commentary/dee-morris-stephen-voyce>. Acesso em 02/03/2016.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. Política e filosofia. São Paulo, Ed. 34, 1996.
- RHEINGOLD, Howard. **Smart mobs**. The next social revolution. New York: Basic Books, 2003.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil**, s/d. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acesso em 02/03/2009.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo, Edusp, 1996.
- SOJA, Edward W. **Postmodern geographies: the reassertion of space in critical social theory**. London: Verso, 1989.
- SPERLING, David. **Espaço e evento: considerações críticas sobre a arquitetura contemporânea**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008.
- SPERLING, David; SANTOS, Fábio L. S.; MARCOS, Beatriz P. M. Cartografias: espaço + informação. Leituras urbanas experimentais. **Anais do 2º Seminário Internacional Representar Brasil 2013**. As representações na Arquitetura, Urbanismo e Design. São Paulo: s. e., 2013, p. 391-408.
- TALLY Jr., Robert. **Spatiality: the new critical idiom**. New York: Routledge, 2013.
- TATAY, Helena. **Nota de prensa de la exposicion cartografias contemporâneas caixaforum barcelona (2012)**. Disponível em: http://prensa.lacaixa.es/obrasocial/show_annex.html?id=26098. Acesso em 15/04/2016.
- VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010. Disponível em: <http://pus.sagepub.com/content/19/3/258>. Acesso em 20/03/2016.
- VENTURINI, Tommaso. Building on faults: how to represent controversies with digital methods. **Public Understanding of Science**, v. 21, n. 7, p. 796-812, 2012. Disponível em: <http://pus.sagepub.com/content/21/7/796>. Acesso em 20/03/2016.
- VIDLER, Antony. Architecture's expanded field. *Artforum*, abril, p. 142-47, 2004.
- VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. São Paulo: Ed. 34, 1993.
- WATSON, Ruth. Mapping and contemporary art. **The Cartographic Journal, Art & Cartography**, Special Issue, novembro, v. 46, n. 4, p. 293-307, 2009.
- YANEVA, Albena. **Mapping Controversies**, 2009. Disponível em: <http://mappingcontroversies.co.uk/>. Acesso em 22/03/2016.

***David M. Sperling** é professor-doutor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP e pesquisador do Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas (NEC.USP). Atua principalmente com os seguintes temas: espaço, tecnologia e cultura; interfaces entre arquitetura e arte contemporâneas.